

A sensibilidade da antiga poesia japonesa

Poemas de muito mais de mil anos atrás poderiam ter sido escritos hoje, tal a modernidade de sua forma e conteúdo

□ Por Renato Pompeu

Se a adoção pelos japoneses do alfabeto chinês, por volta do século 6 d.C., marca o início da literatura propriamente dita de seu país, o fato é que as coletâneas de poesias ali publicadas de então até o século 10 d.C. registram poemas de antes, transmitidos oralmente de geração em geração, como o seguinte, atribuído ao imperador Ojin, que reinou de 270 d.C. a 312 d.C.:

Venham então, meus homens,
Colber o albo silvestre,
Colber o albo silvestre,
E, em nossa estrada,
A laranjeira em flor
De aroma fragrante,
Seus galbos mais altos

O poema atribuído ao imperador Ojin é de uma complexidade surpreendente para quem não espera sutilezas de uma sociedade analfabeta

Vergados por aves empoleiradas,
Seus galbos mais baixos
Arrancados e mortos pelos homens.
Mas os galbos do meio,
Como o coração das castanhas,
Onde se aninha o fruto avermelhado —
Oh, a jovem que amadurece! —
Se a fizermos cair em tentação,
Ela seria tão agradável!

Vemos nesse poema uma complexidade surpreendente para quem não espera sutilezas de uma sociedade analfabeta. De considerações sobre os três níveis dos galhos das laranjeiras, que lembram de longe a louvação que sempre se fez à medianidade como virtude, e às classes médias como mais capazes de perceber e conduzir a sociedade, se passa a uma comparação com o "meio" (o fruto envolvido por casca dura) da castanha, e daí, num jogo inesperado, a uma comparação entre o amadurecimento desse fruto e a entrada de uma jovem nos seus anos de esplendor físico. No entanto, tal complexidade, a rigor, só pode surpreender quem não está familiarizado com as produções culturais milenares de povos que demoraram até recentemente para ter escrita, como entre os índios do Brasil ou na África Negra.

Esse poema consta da coletânea Kojiki ("Registro de Assuntos Antigos"), a mais antiga crônica histórica ainda hoje existente do

A primeira coletânea hoje existente só de poesia japonesa é o Manyoshu, com mais de 4 mil poemas, desde o século 4 d.C. até 759 d.C.

Japão, que cobre desde a Criação até o século 7 d.C. e foi reunida por ordem imperial. Um outro poema transcrito nessa crônica é da imperatriz Iwa no Hime, que morreu em 347 d.C., intitulado "Sentindo a Falta do Imperador":

Meu senhor partiu
E o tempo se tornou por demais longo.
Devo procurar as montanhas,
Indo à frente para encontrar-vos,
Ou devo esperar por vós aqui?

Não! Eu não viveria,
Sentindo a vossa falta,
No penhasco da montanha; ao invés disso,
Afiada como meu travesseiro,

Morta eu me imobilizaria.

Entretanto, mesmo que seja assim,
Vou esperar meu senhor,
Até que em meus negros cabelos —
Voando finalmente na brisa —
Caia o frio da madrugada.

No campo de outono,
Sobre as espigas de arroz,
A bruma da manhã caminha,
Desaparecendo em algum lugar...
Pode meu amor se apagar também?

A imperatriz passa de um sentimento de que seu amor é eterno como a morte para o sentimento de que ele é fugaz como a bruma matinal no campo de arroz. Mas se o Kojiki é uma crônica que inclui alguns poemas, a primeira coletânea ainda hoje existente só de poesia japonesa é o Manyoshu ("Coleção das Dez Mil Folhas"), composto de 20 livros, com um total de mais de 4 mil poemas, desde o século 4 d.C. até o ano de 759 d.C. Entre os poemas anônimos aí incluídos, há alguns bem curtos, como:

Meus cabelos embaraçados
Não vou cortar:
Sua mão, minha querida,
Os tocou como um travesseiro.

Um simples momento da convivência, assim, ficou eternizado e nos chega bem mais de mil anos depois de a amada ter tocado os cabelos do poeta. Um outro exemplo:

Para encontrar meu amor
Não tenho caminho.
Como o alto pico
Do vulcão Fuji em Suruga,
Terrei de arder para sempre?

Em poucas palavras, assim, está sintetizada a ansiedade da infundável busca amorosa. Mas há no Manyoshu também uma seção de "Poemas do Ridículo e do Escárnio", como o seguinte:

Como as poucas espigas poupadas
Depois que cervos e porcos selvagens
Atacaram os campos de arroz recém-plantados,
Meu coração está todo mirrado.

O fato de que esse poema seja considerado engraçado parece um tanto enigmático a nossos olhos, mas talvez o humor se refira aos estragos promovidos no coração de alguém sob o assédio de pretendentes sem maior qualificação. Uma outra seção do Manyoshu são "As Canções dos Mendigos", em que se inclui o seguinte poema, "As Tristezas do Cervo":

Meus bons senhores,
Que agora se sentam tão quietos,
Suponham que os senhores embarquem numa viagem
Não planejada, aonde os senhores seriam levados?
A terra de Kara
Para capturar tigres,
Trazendo oito cabeças para casa,
Para costurar suas peles como tapetes
E colocar os tapetes oito vezes.

As colinas de Hegari,
Despençadas maciamente como tapetes de oito peles,
No quarto mês e no quinto
Eu fui em busca de ervas medicinais.
Sob dois carvalhos brancos,
Com oito arcos de madeira de catafalco à minha disposição
E oito flechas de ponta untada de nabo,
Esperei pelo cervo —
Quando um grande cervo surgiu e parou
E se queixou de seu destino para mim.
Logo devo morrer.
Então devo oferecer a meu senhor

Meus chifres como ornamento de chapéu,
Meus olhos como espelhos translúcidos,
Meus cascos como pontas de arco,
Meus pêlos como pincéis para escrever.
Minha pele como uma caixa de couro,
Minha carne como comida fina,
Meu figado também como comida fina,
Minha barriga como carne salgada.
Assim, o corpo que é um só deste velbo ser-
vidor

Vai florescer sete vezes,
Vai florescer oito vezes.
Então louvados, louvados sejam os céus!"
Aqui, na verdade, é o próprio ser humano, evidentemente, que está lamentando os destinos dos animais que mata para assegurar sua vida civilizada. Mas nem todos os poemas do Manyoshu são anônimos. Há obras, por exemplo, de Kakinomoto Hitomaro, que viveu na passagem do século 7 d.C. para o século 8 d.C., autor da seguinte poesia, em que um marido chora a morte de sua mulher:

Eu a amava como as folhas
Como as folhas luxuriantes da primavera
Que faziam pesar os galbos dos salgueiros
Eretos às margens salientes do rio
Onde andávamos juntos
Enquanto ela era deste mundo.
Minha vida girava em torno dela,
Mas o homem não pode fugir
Às leis deste mundo.
Rumo aos campos abertos em que brilha o
baló do calor,
Escondida numa nuvem branca,
Branca como a cobertura da amora
branca,
Ela subiu como o pássaro da manhã.

No poema "As Tristezas do Cervo" o próprio ser humano está lamentando os destinos dos animais que mata para assegurar sua vida civilizada

Escondido de nosso mundo como o sol poente.

A criança que ela deixou como oferenda
Geme, pede comida; mas sempre
Não achando nada que eu possa dar.
Como pássaros que pegam grãos de arroz em seus bicos.

Eu pego o bebê e o acolho em meus braços.
Junto aos travesseiros sobre os quais deitá-
vamos.

Minha mulher e eu, como uma pessoa só,
Pela luz do dia eu passo solitariamente
até o lusco-fusco.

Pela negra noite eu deito suspirando até a madrugada.
Cumpro a obrigação do luto, mas não encontro alívio nisso;
Eu anseio, mas não tenho modo de encontrar-la.

Aquela que eu amo, dizem os homens,
Está nas colinas de Hagai,
Assim eu me empenho em chegar lá,
Esmagando ervas enraizadas nas rochas em meu caminho.
Mas isso não me alegra.
Pois dela, assim como a conbeci neste mundo,
Não acbo o menor traço.

Votos

1
A lua de outono
Que vimos no ano passado
Brilha de novo, mas a ela,
Que estava comigo então,
Os anos separam para sempre

2
Na estrada de Fusuma,
Nas colinas de Hikite,
Cavei a sepultura de meu amor.
Me arrasto pela trilha da montanha
E penso: "Ainda estou vivo?"

Tais sentimentos diante da morte de uma pessoa amada parecem os mesmos em todas as culturas e em todas as épocas da humanidade — de todo modo, se tivemos uma perda como a desse poeta, podemos nos identificar com seu sofrimento. Aqui, entretanto, chegamos a outra coletânea, o Kokinshu ("Coleção dos Tempos Antigos e Modernos"), compilado por ordem imperial na passagem do século 9 d.C. para o século 10 d.C., por quatro compiladores conhecidos de todos os que se dedicam à literatura japonesa, Ki no Tsurayuki e seu primo Ki no Tomori, mais Oshikochi no Mitsune e Miru no Tadamine. Estão incluídas obras de mais de 120 poetas cujos nomes são indicados, entre eles 20 mulheres, e também obras de outros 300 poetas anônimos, num total de 1.111 obras, ordenadas não por autor, mas por temas, como poemas sobre as estações, congratulatórios, sobre a separação, sobre viagens, sobre o amor, a morte e a tristeza diante dela, etc. Eis um anônimo, ou mais exatamente uma anônima:

Ob
Como o aroma
Das
Flores de maio
Recorda
O aroma que se foi
Das mangas da blusa dele.

Aqui podemos ver como foi precoce, na literatura japonesa, a celebração do "instantâneo que se revela eterno" que tanto atrai os ocidentais nos chamados haicais. Mas eis mais um poema, de Ono no Komachi:

Olhe para a sua cor
E
Ela muda
Mas
As mudanças nunca são visíveis.
Nas flores
Do
Coração de um homem
Neste mundo.

Tal sintetização, tal capacidade de dizer tanto com tão poucas palavras, são muito semelhantes ao que buscamos, mas muitas vezes não conseguimos, os poetas ocidentais dos últimos cem anos, em formas que a nossos olhos parecem muito novas e muito modernas, mas que já eram bem vivas no Japão há mais de mil anos. Como podemos também ver num poema de Ki no Tsurayuki, um dos compiladores do Kokinshu:

Não é
Um pedaço de linha torcida
Mas ainda assim
Aquele estrada
Em que nos separamos
Dá origem
A tristes pensamentos torcidos.

Outras vezes ocorre uma sutileza tão delicada que as palavras e pensamentos que elas exprimem parecem até mesmo diáfanos, como nessa obra de Fujiwara no Toshiyuki:

O outono está aqui
E nada
Diante de nossos olhos
Nos diz isso
Mas ouçam
Aquele vento.

Ou seja, a estação do outono já começou, mas a natureza não demonstra isso; em nada ela mudou em relação ao verão que se finda; mas, se prestarmos bem atenção com nossos ouvidos, notaremos uma sutil mudança no ruído do vento, que já não é o ruído do vento

do verão, mas o de um vento de outono. E como se percebêssemos, no Parque do Ibirapuera em São Paulo, o começo do inverno, não por qualquer mudança, aliás ainda inexistente, na vegetação, mas por uma sutil mudança na temperatura da umidade ambiente.

Aqui vale a pena anotar que as nossas complexidades mais finas de distinção, as nossas capacidades mais finas de distinção, que a muitos parecem características de nossa época de pós-modernidade e de globalização, são na verdade em grande parte herdeiras de sensibilidades já milenares, como estamos vendo nesses milenares poemas japoneses. Também podemos anotar que a vida humana, quando não é desperdiçada quase integral-

Foi precoce, na literatura japonesa, a celebração do "instantâneo que se revela eterno" que tanto atrai os ocidentais nos haicais

mente por uma luta inglória e vã pela sobrevivência, como aconteceu e acontece com a grande maioria das pessoas, sempre foi rica de significados, como estamos vendo em toda esta série. Mas voltemos ao Kokinshu. Eis um anônimo, provavelmente uma mulher:

Você virá aonde estou?
Devo ir aonde você está?
Na dúvida,
Vou deitar

Com a porta aberta.
Um outro poema anônimo, este certamente de uma mulher, sobre um objeto deixado como recordação pelo amado:

A lembrança
Me
Faz
Pensar nele
Com dor
E
Sem ela
Poderia eu talvez
Esquecer dele?

Aqui a sutileza se desdobra. Em primeiro lugar, o objeto que o amado deixou como lembrança nem é especificado, pois ele vale como lembrança pura, e não por sua existência como objeto específico, seja qual for seu valor ou beleza. Mas, ao mesmo tempo a mulher hesita e chega a imaginar que, se o amado não lhe tivesse deixado esse objeto frate-

A capacidade de dizer tanto com tão poucas palavras é semelhante ao que buscam, muitas vezes sem sucesso, os poetas ocidentais

rial específico, ela poderia não se lembrar da pessoa dele. Um sentimento que nos parece muito moderno mas que, como vemos, é bem antigo. (No sábado que vem, considerações sobre *Os Contos de Ise*, outra obra japonesa, do século 10 d.C.)

Renato Pompeu é jornalista e escritor, autor de obras em hipertexto na Internet (<http://www.pompeu.com>) e dos livros impressos recém-lançados *Globalização e Justiça Social, ensaio econômico*; 2004 — *O Admirável Mundo Neoliberal das Mulheres, ficção erótica*, e *Um Dia no Mundo, romance "globalizado" que se passa em todos os países do mundo*. Pode ser localizado no endereço eletrônico rpompeu@pompeu.com ou pelo telefone 011-814.8653.

